



Universidade de Brasília – UnB

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET

Aluno: Willian Nobre Rodrigues Gonçalves

**A LEGENDA EM SALA DE AULA:**  
O uso de vídeos legendados na aprendizagem de Língua  
Japonesa

Brasília – Distrito Federal

2019

**WILLIAN NOBRE RODRIGUES GONÇALVES**

**A LEGENDA EM SALA DE AULA:  
O USO DE VÍDEOS LEGENDADOS NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA JAPONESA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura.

**BRASÍLIA**

**2019**

**WILLIAN NOBRE RODRIGUES GONÇALVES**

**A LEGENDA EM SALA DE AULA:**

O Uso de Vídeos Legendados na Aprendizagem de Língua Japonesa

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura.

Brasília, 15 de Julho de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Doutora Kyoko Sekino  
Orientadora

---

Professor Doutor Yuki Mukai

---

Professor Mestre Valdeilton Lopes de Oliveira

## **Agradecimentos**

A minha orientadora, Kyoko Sekino Sensei, pela paciência e pelo suporte na elaboração desse trabalho, mesmo com o espaço de tempo apertado.

Aos professores, Yuki Mukai Sensei e Valdeilton Lopes de Oliveira Sensei (Tama Sensei), por formarem minha banca examinadora.

A minha família, por sempre me apoiarem, mesmo quando eu não sabia mais o que fazer e queria desistir.

## SUMÁRIO

Sumário .....	i
Lista de Ilustrações .....	ii
Lista de abreviações .....	iii
Resumo .....	iv
Summary .....	v
1. Introdução .....	1
1.1. Contextualização .....	1
1.2. Objetivo .....	2
1.2.1. Objetivo geral .....	2
1.2.2. Objetivos específicos .....	2
1.2.3. Pergunta de pesquisa .....	2
2. Revisão de literatura – esclarecimento dos conceitos principais .....	2
2.1. Tradução .....	2
2.2. Legendação e legendagem .....	3
2.2.1. Tipos de legenda .....	5
2.3. Filtro afetivo .....	5
2.4. A origem da legendagem no Brasil .....	6
2.5. As peculiaridades da língua japonesa .....	7
2.6. O uso de tradução e vídeo legendados em sala de aula .....	8
2.7. O vídeo como material didático .....	13
2.8. O papel do professor .....	15
3. Metodologia .....	17
3.1. Experimento .....	17
3.2. Número de participantes .....	20
4. Resultados .....	21
4.1. Resultados gerais .....	21
4.2. Resultados específicos .....	23
5. Conclusão .....	25
Referencias bibliográficas .....	27
Apêndice .....	31

## Lista de Ilustrações

Figura 1 - Cena sem legenda (nessa cena a personagem fala “Uwaa, biri biri suru”).....	19
Figura 2 - Cena com legenda feita pelo Google <i>Translate</i> .....	19
Figura 3 - Cena com a legenda refinada.....	20
Tabela 1 – Número de alunos participantes durante as três exibições (Turma 1).....	20
Tabela 2 – Número de alunos participantes durante as três exibições (Turma 2).....	20
Tabela 3 - Respostas das questões 11, 12 e 13 .....	23
Tabela 4 - Respostas da questão 14 .....	24
Tabela 5 - Respostas da questão 15 .....	25

**Lista de abreviações**

LE – Língua Estrangeira

FL – Foreign Language

LM – Língua Materna

L1 – Primeira Língua

L2 – Segunda Língua

LJ – Língua Japonesa

TAV – Tradução Audiovisual

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

VHS – *Video Home System*

PB – Português Brasileiro

LH – Língua de herança

EC – Escola Comunitária

## RESUMO

Este trabalho explora, a partir de uma pesquisa bibliográfica, e uma pesquisa de campo, o uso vídeos legendados para a aprendizagem de alunos em língua estrangeira, identificando sua efetividade, seu uso como material didático e a questão do uso eficaz deste por parte do professor na sala de aula, por fim, as dificuldades enfrentadas no uso de materiais audiovisuais. São apresentados também, conceitos chave relevantes tais como legendagem e tradução que não fazem parte da terminologia do ensino/aprendizagem de LE. É relatado, depois, nossa pesquisa experimental na busca dos efeitos e reações dos alunos, de duas turmas de língua japonesa, ao utilizar um vídeo de animação para medir o seu grau de compreensão auditiva, e como o subsequente uso de legendas a modificou. Identifica-se por meio do nosso experimento que os alunos esclareceram o significado da história do vídeo com legendas refinadas. Nas respostas a nosso questionário, observa-se que os alunos consideram importante a habilidade auditiva, indicando a favor do uso de vídeos legendados na sala de aula devido a sua robustez auxiliar.

**Palavras-chave:** Audiovisual. Vídeos. Legendagem. Compreensão auditiva. Aprendizagem.



## SUMMARY

This work explores, from a bibliographical research, and a field research, the beneficial use of subtitled videos for the students learning a foreign language, identifying their effectiveness, their use as teaching material and the question of their effective use by the teacher in the classroom of basic level, finally, the difficulties faced in the use of audiovisual materials. Relevant key concepts such as subtitling and translation, that are not a part of LE teaching / learning terminology, are also presented. We report, afterwards, our experimental research in terms of effects and reactions of students of two Japanese-language classes, by using an animation video to measure their degree of listening comprehension and how the subsequent use of subtitles has been modified. It is identified through our experiment that the students understood clearly the meaning the story of the video with refined subtitles. In the answers to our questionnaire, it is observed that the students consider the auditory ability important, indicating in favor of the use of subtitled videos in the classroom due to its robust aid.

**Keywords: Audiovisual. Videos. Subtitling. Listening comprehension. Learning.**

## **1. Introdução**

### **1.1. Contextualização**

O vídeo é um recurso interessante no ensino de língua estrangeira (LE). O uso deste em uma aula de língua japonesa (doravante, LJ) deve gerar efeitos positivos na aprendizagem, visto que o japonês é uma língua distinta na língua materna (LM) dos alunos, ou seja, português brasileiro (PB) (COMRIE, 2009; SHIBATANI, 2009; NINOMIYA, 2012). Sekino e Takahashi (2018) em seu artigo, ao escreverem sobre o uso da tradução e legendagem dentro da sala de aula, frisam a importância de seu processo do que o produto final, já que o ato de traduzir um vídeo e/ou analisar um vídeo legendado é um auxílio pedagógico bem como auxílio à compreensão do conteúdo, o que é necessário para que o aluno consiga entender a língua-alvo.

Durante nossa graduação tivemos uma experiência de legendagem em uma das aulas, em que traduzimos e legendamos um vídeo de aproximadamente vinte minutos. Antes dessa aula, eu já tinha alguma experiência legendando vídeos em japonês, mas nunca de forma séria, apenas por diversão ou a pedido de algum colega. Porém, ao fazer a legendagem de um vídeo de forma didática com a orientação minuciosa e de um processo bem definido, percebi que isto era um método de estudo válido para aprender a língua japonesa, já que era necessário ouvir o vídeo, atentamente, várias vezes (treinado a compreensão auditiva) e pesquisar o vocabulário correto para assim fazer a tradução para a criação das legendas (treinando a escrita e leitura).

A nosso ver, este processo é importante para o ensino de língua japonesa, pois o aluno é exposto a uma linguagem natural do falante nativo, em vez de os áudios presentes nos livros didáticos, os quais foram preparados com intuito de ensinar uma linguagem padronizada.

Para começar a descrever nosso trabalho de conclusão do curso sobre o efeito da mostra de vídeo legendado na sala de aula, pontuaremos alguns conceitos relevantes à tradução audiovisual (TAV), revisando os termos usados neste campo tais como; tradução; legendação; legendagem; e tipos de legenda na fundamentação teórica da presente pesquisa. Além disso, apresentarei nossa investigação: como o vídeo legendado traz contexto para facilitar os alunos na aprendizagem da Língua Japonesa. Por fim, demonstrarei o experimento realizado com alunos do nível básico três e quatro (um ano e um ano e meio de estudo, respectivamente) da Universidade de Brasília que se busca esclarecer o efeito do uso de um vídeo para testar a compreensão conteúdo dos alunos e seus subsequentes resultados.

## **1.2. Objetivo**

Nossa pesquisa se inicia com seguintes objetivos.

### **1.2.1. Objetivo geral**

Pesquisar se o uso de produtos legendados (vídeos, músicas, etc.) pode facilitar a aprendizagem dos alunos que têm um conhecimento básico de Língua Japonesa, e como usá-los de maneira eficiente dentro de sala de aula.

### **1.2.2. Objetivos específicos**

- Identificar o nível de compreensão dos alunos, utilizando um vídeo em japonês.
- Identificar se, ao usar o vídeo (em um primeiro momento sem legenda, e posteriormente com legenda), o uso das legendas pode ajudar na aprendizagem dos alunos de nível básico de Língua Japonesa.

A partir desses objetivos, se formula nossa pergunta da pesquisa.

### **1.2.3. Pergunta de pesquisa**

A partir desses objetivos, a seguinte pergunta da pesquisa é criada: O uso de vídeos legendados em sala de aula pode beneficiar os alunos de Língua Japonesa (LJ), em especial os alunos do nível básico?

## **2. Revisão de literatura - Esclarecimento dos conceitos principais**

Antes que possamos falar sobre o uso de vídeos legendados no ensino de LE, devemos entender alguns conceitos importantes que aparecem com frequência durante a análise dessa prática. Eles são: a tradução, a legendagem, e o filtro afetivo.

### **2.1. Tradução**

Ao usar vídeos legendados como materiais do ensino de LE, a noção da tradução é de suma importância, já que legendas envolvem a tradução, especialmente, no contexto que tratamos nesta pesquisa. Por esse motivo dedicamos essa parte do trabalho para conceituar a “tradução”.

Martins (1999) define o ato de traduzir e tradução como: “um processo de comunicação em cadeia, que resulta na elaboração, na língua de chegada, de estruturas

lexicais e gramaticais que veiculam significados e produzem efeitos tendencialmente homólogos aos da língua de partida (p. 53)”.

Ferreira (2010), por sua vez, cria uma distinção entre "tradução literária" e "tradução não-literária" da seguinte maneira:

A primeira [tradução literária] não se situa ao nível da simples comunicação, como a tradução de textos não-literários, em que a predominância da função referencial da linguagem reduz, à partida, a margem de variação subjectiva consentida à leitura. Pelo contrário, a tradução literária constitui um grande desafio pelo alto grau de subjectividade dos textos de partida, pois estes possuem um carácter fundamentalmente simbólico, apoiando-se em jogos de palavras, metáforas e todo o tipo de metalinguagem que pode resultar em interpretações variadas, de acordo com os propósitos de cada autor. Nesse âmbito, os géneros literários (romance, conto, poesia, etc.) encontram-se submetidos a uma forma mais ou menos rígida de composição, que segue ou não as normas e tendências do seu tempo e da sua cultura, e que, ao ser traduzido para outra língua, não encontra necessariamente a mesma tipologia e o mesmo esquema normativo na cultura da língua de chegada (p. 7-8; colchetes nosso).

Com isso o autor mostra que, a tradução literária necessita de uma leitura e interpretação do texto fonte, já que não será traduzido apenas o que está escrita, mas também elementos de diversas culturas. Por isso, este processo de tradução literária está fortemente ligado com a hermenêutica por investigar as sutilezas da interpretação. Entende-se que a hermenêutica, neste caso, significa uma livre interpretação do ponto de vista do tradutor dentro do âmbito da tradução.

Já em Polchlopek e Aio (2009) discorrem sobre a tradução técnica: “Sabe-se, por outro lado, que os textos técnicos não permitem muitas variações, estilísticas, o que, no entanto, não lhes diminui o valor, visto que atuam diretamente no processo de disseminação de dados e experiências tecnológicas e científicas (p. 104)”.

Veremos agora alguns conceitos relacionados diretamente com legendas que envolvem a tradução (ou não).

## **2.2. Legendação e Legendagem**

Koglin e Oliveira (2013) alertam sobre a falta de padronização dos termos nos estudos referentes ao uso de legendas, principalmente, é necessário conceituar os dois termos mais utilizados: “legendação” e “legendagem”.

Segundo Koglin e Oliveira (2013), existem várias terminologias na Tradução Audiovisual, sendo elas:

- Legendação - tradução do material da língua original para a língua alvo.

- Legendagem - colocação das legendas no vídeo.
- Tradução de/para legendas - é utilizada como sinônimo de uma das duas anteriores.

Gomes (2006) apresenta o conceito de tradução audiovisual (TAV) de legendação e legendagem. A TAV abrange cinema, televisão, vídeos domésticos e rádio, adaptações ou edições feitas para jornais, revistas, agências de imprensa e publicitárias, produtos e serviços on-line (Internet) e multimídias (CD, DVD, e Blu-ray). Mais especificamente, trata-se de adaptação que muda de modalidade como, por exemplo, a partir de uma obra literária para filme (veja detalhes de “adaptação” de HUTCHEON, L. 2006).

Em Araújo e Alvarenga (2001; *apud* GOMES; 2006), entende-se que a primeira etapa de legendar um vídeo, a parte feita por um tradutor, ou seja, a tradução propriamente dita é chamada de legendação, Já todo o processo de produção e gravação das legendas é chamado de legendagem.

Segundo Díaz Cintas (2012), o termo “legendagem” está se tornando cada vez mais popular no meio cinematográfico e na televisão e pode ser definida como:

Uma prática de tradução que consiste em inserir uma escrita, normalmente na parte inferior da tela, com a tradução para a língua alvo dos diálogos originais proferidos por diferentes personagens, assim como todas as informações verbais que aparecem na tela (letras, faixas, inserções) ou transmitidas oralmente pela trilha sonora (letras de músicas, vozes) (p. 274)<sup>1</sup>.

Díaz Cintas (2012) também resume o processo de legendagem como: Após a legendação, o legendista entrega sua tradução para o “revisor”. Quando este termina a revisão, o “marcador”. O processo chega ao fim com a atuação do “legendador”.

Bartolomé e Cabrera (2005), por sua vez, explicam as diversas formas de traduções audiovisuais, entre elas:

- Legendagem - a prática linguística que mostra um texto escrito na tela que pretende transmitir o diálogo, elementos icônicos ou outro material na trilha sonora, como a músicas.
- *Surtitling* – consiste em mostra uma única linha de texto ininterrupta e sem parar, muito utilizado em teatros e óperas.
- Legendas para surdos e pessoas com dificuldade de audição – destinado a pessoas que não conseguem ouvir os áudios, ajudando elas a “ver” os áudios, nesse tipo de legendagem, as

---

<sup>1</sup> No original: *subtitling may be described as a translation practice that consists of rendering in writing, usually at the bottom of the screen, the translation into a target language of the original dialogue exchanges uttered by different speakers, as well as all other verbal information that appears written on screen (letters, banners, inserts) or is transmitted aurally in the soundtrack (song lyrics, voices off)*

informações que, normalmente, não são usadas na legenda comum aparecem na tela, como por exemplo, som de passos, ou o barulho de portas abrindo e fechando.

- Legendagem ao vivo – Não ser confundido com legendas pré-gravadas e colocadas nos programas ao vivo. Legendagem ao vivo tem como alvo pessoas com dificuldade de audição, sendo que ela é muito usada em programas como jornais. Como o *timing* é importante, teclados especiais são utilizados e sua confecção.

### 2.2.1. Tipos de legenda

Koglin e Oliveira (2013) e Araújo (2016) discorrem que a legenda pode ser classificada: linguisticamente (intralingual e interlingual), e tecnicamente (aberta e fechada), a saber: A legenda intralingual é simplesmente escrever o texto na língua em que está sendo dito no vídeo, por exemplo, sendo utilizada em programas para pessoas com problema auditivas. Já a legenda interlingual é a mais conhecida, na qual existe a tradução da fala do vídeo, para um texto na língua-alvo que será posto no vídeo posteriormente. Esta é muito usada em cinemas, programas de TV e vídeos em geral, bem como, podendo ser usada para pessoa que desejam aprender uma LE. Já em relação à técnica, existe: a legenda aberta, é aquela que sempre aparece na tela sem a necessidade de nenhum comando do espectador. Por outro lado, temos a legenda fechada (conhecido como legenda oculta também) que depende do telespectador para ser ativa, através de um decodificador, além disso, Araújo especifica como ela deve ser feita: com letras brancas, em caixa alta ou baixa sobre tarja preta.

### 2.3. Filtro afetivo

É importante conceituar o termo “filtro afetivo”. Como há evidências que vídeos legendados têm efeito de baixar o mesmo da audiência, ou seja, neste caso, dos alunos de LE, é relevante compreendermos o conceito do termo. Revisaremos o conceito do mesmo, visto que a função da legenda pode ser visto como um facilitador da aprendizagem de LE.

Segundo Krashen (1985), a “Hipótese do *input* e Teoria de aquisição de segunda língua” é dividida em cinco hipóteses, sendo a quinta a “Hipótese do filtro afetivo”. Ela parte da noção de o *input* (hipótese que diz que os humanos aprendem uma linguagem ao compreender a mensagem, ou seja, um *input* compreensível), o qual é necessário, mas não é suficiente, necessitando que o aluno esteja “aberto” para recebê-lo. Então, o filtro afetivo é o “bloqueio mental” que os alunos criam para a compreensão da aprendizagem. Segundo Krashen:

Isso ocorre quando o adquirente está desmotivado, sem autoconfiança ou ansioso, quando está "na defensiva" (Stevick, 1976), quando considera a aula e de língua um lugar onde suas fraquezas serão reveladas. O filtro está desativado quando o adquirente não está preocupado com a possibilidade de falha na aquisição da linguagem e quando se considera membro em potencial do grupo que fala a língua-alvo (Smith, 1982a, 1983)<sup>2</sup>.

Por fim, Krashen diz que o filtro afetivo está minimizado, i.e., no seu melhor estado, quando os alunos estão completamente envolvidos na mensagem, os quais não percebem que estão usando outra língua.

## 2.4. A origem da legendagem no Brasil

Antes de começar a discursar sobre o uso de vídeo em sala de aula, é necessária uma breve explicação de como surgiu à indústria de legendagem no Brasil, e sua evolução ao longo dos anos.

Os primeiros usos de legendagem no Brasil são datados de julho de 1896, sete meses após a primeira exibição de cinema em Paris, com o cinema mudo, já que com a ausência de som, as falas eram mostradas na forma de intertítulos. Segundo Nobre (2012), esse recurso era utilizado para relacionar os acontecimentos e explicar para o público os ocorridos. Com os avanços da indústria cinematográfica e advento do *vídeo home system* (VHS), aumentou a necessidade de relançar os grandes sucessos neste novo formato, o que melhorou as traduções e legendagens, criando padrões técnicos para estas práticas, como por exemplo, o formato da legenda (que saia da tela de cinema para a tela da TV).

Avorato (2008, *apud* NOBRE 2012) traça um panorama sobre a legendagem no Brasil, começando nos anos 90 o trabalho com empresas especializadas no mercado de tradução, devido aos baixos custos de produção e distribuição de filmes. Nos dias atuais, em virtude das novas tecnologias, existe um alcance maior ao público, resultou um aumento na qualidade da tradução e legendagem, o que, por sua vez, aumentou o investimento nessa área.

Por último, Avorato (2008, *apud* NOBRE 2012) mostra como, a mais ou menos, vinte e cinco anos atrás, as distribuidoras de filmes eram encarregadas pela tradução e legendagem, contratando terceirizados ou pequenos estúdios. Contudo, atualmente, por causa da exigência maior do mercado, houve uma necessidade da profissionalização e organização de segmentos

---

<sup>2</sup> No original: *This occur when the acquirer is unmotivated, lacking self-confidence, or anxious, when he is "on the defensive" (Stevick 1976), when he considers the language class to be a place where his weaknesses will be revealed. The filter is down when the acquirer is not concerned with the possibility of failure in language acquisition and when he considers himself to be potential member of the group speaking the target language (Smith 1982a, 1983).*

para suprir este trabalho, sendo alvo de diversas visões e críticas para se adaptar a indústria do entretenimento.

## 2.5. As peculiaridades da língua japonesa

A Língua japonesa, por ser muito diferente das línguas ocidentais tipologicamente (e.g. COMRIE, 2009), neste caso, da língua portuguesa brasileira (PB), apresenta uma série de dificuldades para o seu ensino e aprendizagem. Ao discursar sobre estas dificuldades da Língua Japonesa, Sekino e Takahashi (2018), relatam sobre a *Foreign Service Institute*<sup>3</sup> nos Estados Unidos da América (USA) que classifica o nível de dificuldade de aprendizagem de línguas estrangeiras para os americanos. Este resume que a LJ é uma das mais difíceis.

A empresa IBM desenvolveu o *software* chamado de “Watson”, com o objetivo de aprender a LJ e afirma que uma de suas maiores dificuldades é a complexidade dos *kanji* (caracteres com origem da China). Além disso, as autoras citam Salim Roukos<sup>4</sup>, que acrescenta o seguinte:

(...) enquanto o inglês é literal, o japonês é sutil, tendo variedade de forma de inserção de polidez, a qual intensifica a complexidade da língua. Aponta também que, na língua japonesa, há diversas formas de expressar um significado. O grupo analisa que a oralidade também demonstra a mesma complexidade, apesar de dispensar a dificuldade dos caracteres. O problema do japonês está relacionado à pragmática, isto é, à identificação do contexto. Roukos explica que o contexto parece estar em outro lugar, mesmo sendo em uma sentença (p. 66).

Por outro lado, as autoras também trazem Shibatani (2009, *apud* SEKINO; TAKAHASHI; 2018), e seu ponto de vista tipológico, sem comparar a Língua Japonesa a outras Línguas:

(...) o uso de um sistema complexo de escrita, com quatro tipos de escrita (hiragana, escrita simples silábica; katakana, equivalente a hiragana, cujo uso é diferenciado principalmente para nomes estrangeiros; kanji, ideogramas de origem chinesa, e romaji, sílabas japonesas escritas em alfabeto romano). A estrutura sintática de sujeito-objeto-verbo (SOV); dependendo do grau de polidez, geraria uma variedade de expressões para um enunciado; é preposicional (por exemplo, a posição de adjetivos, oração modificadora e dentre outros).

A partir dessas descrições, entende-se que a língua japonesa é distinta das outras línguas indo-europeias que podem impedir uma aprendizagem fácil dos aprendizes dos falantes nativos destas.

---

<sup>3</sup> Instituto de Serviços Estrangeiros

<sup>4</sup> Chefe do grupo de processamento natural multilíngue da IBM.



MORALES (2009) indica que até meados de 1980, a língua japonesa era ensinada como língua de herança (LH), voltada para alunos descendentes com domínio da oralidade da língua, em âmbito familiar e ou intracomunitário. Desta maneira, a Escola Comunitária (EC) tinha como objetivo alfabetizar e promover o letramento, as atividades escolares feitas nesse período reforçam isso, tentando reproduzir a vida escolar do Japão. A partir de 2000, com o aumento do número de alunos, tanto descendentes, quanto não descendentes, que não tinham nenhum conhecimento prévio da língua japonesa levou os professores a pensarem em novas metodologias, sendo uma dessas o uso de tradução e legendagem. Estas mudanças criaram um cenário de ensino-aprendizagem da língua japonesa no Brasil, eliminando a diferença entre os estudos da língua e da cultura.

## **2.6. O uso de tradução e vídeos legendados em sala de aula**

Com a difusão de informações na população cada vez mais rápida, a abrangência das línguas também se expande extrapolando as fronteiras de seus países de origem, aliando-se ao fracasso aprendido de LE, gerado pela falta de imersão e contextualização da aprendizagem. Fez com que as instituições de ensino adotassem metodologias variadas para acompanhar a diversidade dos alunos.

Gomes (2006) apresenta vários autores que defendem o uso da tradução/legendagem em sala de aula, entre os quais, Tudor (1987, *apud* GOMES; 2006) e Tang (2002, *apud* GOMES; 2006). Mais recentemente, o autor aponta cinco razões do uso pedagógico da tradução na aprendizagem de LE de Ridd (2000, p. 134-142 *apud* GOMES; 2006), a saber:

1) A LM pode ajudar o aluno na aprendizagem de uma LE, especialmente se houver semelhanças entre ambas (o que não é o caso entre o japonês e PB), já que a comparação entre as duas línguas, através do uso da tradução, pode demonstrar para o aluno as diferenças e influências de uma sobre a outra;

2) A tradução é uma atividade presente no nosso dia a dia em vários locais, dentro e fora da sala de aula. Logo, entende-se que a tradução pode ser uma habilidade que os alunos desejam adquirir.

3) Pessoas, frequentemente, pedem para falantes que dominam uma LE para traduzir algo para elas, desde um documento importante em outra língua até a letra de uma música.

4) O uso da tradução é uma excelente oportunidade para o professor usar um material autêntico que proporciona um desafio diante dos alunos. O uso do vocabulário de forma subconsciente, e pesquisa por novos vocabulários, expande o conhecimento dos alunos.

5) Por ser um exercício fundamentalmente mental, a tradução gera discussões em relação à linguagem.

Além da tradução, no uso de legenda que envolve a tradução, Matielo, D'Ely e Baretta (2015) apresentam a função do vídeo legendado na sala de aula:

Nas duas últimas décadas, estudos sobre o uso instrucional e não instrucional de vídeos legendados / captioned abordaram vários tópicos que incluem, mas não estão limitados a: a melhoria da leitura de L2, compreensão auditiva de L2, reconhecimento de palavras L2, L2 aprendizagem / aquisição de vocabulário, efeitos na memória implícita e explícita e processamento cognitivo, aquisição de aspectos gramaticais de L2, desenvolvimento de competências interculturais e melhoria da produção oral de L2.

Além de fornecer um contexto significativo para a aquisição de idiomas, o interesse no uso de vídeos legendados / captioned pode também ter sido impulsionado por outros motivos. Neuman e Koskinen (1992) apontam pelo menos três deles, a saber: (i) a combinação de sons e imagens dos vídeos pode melhorar a relação entre palavras e significados; (ii) as qualidades de entretenimento dos vídeos, que podem ser tomadas como uma vantagem sobre os textos; e (iii) o fato de que a visualização pode ser percebida como uma experiência cognitivamente ativa - quando material adequado é usado (NEUMAN, 1989). Devido à sua natureza pictórica e divertida, os vídeos usados no ambiente instrucional podem melhorar a dinâmica e as tarefas implementadas na sala de aula, bem como despertar o interesse dos alunos para com a história que está sendo narrada na tela.<sup>5</sup>

Tudor (1987, *apud* GOMES; 2006), explica que, utilizar um único tipo de material irá limitar as fontes de exposição do aluno a LE. Segundo o pesquisador, os professores devem utilizar uma variedade de materiais autênticos (ou seja, matérias que não foram criados para fins didáticos), como textos de ficção, jornalismo, humor, comentários sociais etc., nas atividades de tradução, as quais devem ser variadas para motivar os alunos a expressar suas potencialidades na LE.

Segundo Chapman (2017), existem vários fatores que aumentaram o uso de legendas como uma ferramenta de ensino de LE, tanto nas universidades como nas escolas, nos últimos tempos, ele indica que a disponibilidade deste material como, talvez, o fator mais importante para esse crescimento, além do custo. Nos países como EUA e Reino Unido, os produtores de

---

<sup>5</sup> No original: *In the last two decades, studies on the instructional and non-instructional use of subtitled/captioned videos have addressed a number of topics that include, but are not limited to: the improvement of L2 reading, L2 listening comprehension, L2 word recognition, L2 vocabulary learning/acquisition, effects on implicit and explicit memory and cognitive processing, acquisition of L2 grammatical aspects, the development of intercultural competencies, and the improvement of L2 oral production.*

*In addition to providing a meaningful context for language acquisition, the interest in the use of subtitled/captioned videos may have also been driven forward by other reasons. Neuman and Koskinen (1992) point out at least three of them, namely: (i) videos' combination of sounds and pictures might enhance the relationship between words and meanings; (ii) the entertainment qualities of videos, which can be taken as an advantage over texts; and (iii) the fact that viewing could be perceived as a cognitively active experience – when suitable material is used (NEUMAN, 1989). Due to their pictorial and entertaining nature, videos used in the instructional setting may improve the dynamics and tasks implemented in the classroom, as well as awaken the interest of students towards the story being narrated on screen.*

vídeos no formato DVD obrigatoriamente fornecessem legendas intralinguais para os deficientes auditivos. Já que a técnica da legenda existe, o fornecimento da legenda em outras línguas não acrescenta o custo extra significativamente em discos. Logo, (p)rofessores e alunos possuem uma biblioteca potencialmente ampla de materiais legendados.”<sup>6</sup>. O autor conclui que o desenvolvimento tecnológico facilita a produção de legendas e melhora a qualidade visual dos usuários.

As mudanças tecnológicas e de mercado andam juntas com os desenvolvimentos do ensino. Chapman, consoante Ur (1996, *apud* CHAPMAN; 2017), evidencia uma grande necessidade de variação na abordagem de ensino e que os professores estão sempre à procura de atividades alternativas que mantenham a comunicação e trabalho em grupo e utilizem as atividades que usam vídeos e a legendagem: “Estas atividades que têm características do "mundo real", são potencialmente vocacionais (...) e parecem oferecer "pedaços" gerenciáveis de linguagem para uma lição particular ou módulo (CHAPMAN, 2017)”<sup>7</sup>.

Além disso, o autor continua e enumera várias razões para a introdução de vídeos legendados e atividades relacionadas à legendagem nas salas de aula de diversos idiomas. As legendas servem como um terceiro meio de compreensão para o aluno (textual, além de auditivo e visual), e isso pode ser uma vantagem ao exibir um conteúdo compreensível e com informações memoráveis.

O autor indica que a legenda traz a linguagem para um contexto (tanto visualmente quanto auditivamente), sendo usadas para uma análise de texto a partir dos elementos contextuais. Segundo Chapman (2017), vídeos e imagens com legendas possuem uma dinâmica de três vias de compreensão, possibilitando *input* visual e auditivo, concomitantemente, tradução das falas: “Esta é uma introdução ideal para explorar a estratégia narrativa, além de constituir um objetivo de ensino significativo em si, ajudando nossos alunos a examinar conscientemente o vídeo apresentado na TV, na internet ou no cinema” (p. 11)<sup>8</sup>.

Outros autores que defendem essa ideia são Díaz Cintas e Cruz (2008), ao dizer que os vídeos legendados, através do contexto, auxiliam os alunos a entenderem palavras desconhecidas e ao assimilarem as imagens e o desempenho dos atores presentes no vídeo.

---

<sup>6</sup> No original: *Teachers and students find themselves in possession of a potentially wide-ranging library of subtitled material.*

<sup>7</sup> No original: *they have 'real-world' characteristics, are potentially vocational (...) and seem to offer very manageable 'chunks' of language for a particular lesson or module.*

<sup>8</sup> No original: *This is an ideal introduction to exploring narrative strategy, as well as constituting a significant teaching goal in itself, helping our learners to consciously examine video presented on TV, on the internet or on film.*

Além disso, os autores salientam a questão da repetição dos vocabulários e estruturas gramaticais através de dois canais (auditivo e visual) e da proximidade de ambos, com o que está ocorrendo na tela, criando um terceiro canal com a legenda, “reforçando sua compreensão por reiteração”<sup>9</sup> (DÍAZ CINTAS e CRUZ, 2008, p. 207). Por fim, Sousa (2018, p. 83) discorre sobre os vídeos legendados, os quais podem facilitar na aquisição do *input*, já que os vídeos trazem “informações linguísticas e extralinguísticas”, além de ser uma atividade de entretenimento, o que faz com que o filtro afetivo do aluno fique baixo, melhorando ainda mais a aquisição do *input*. Uma única ressalva do autor é em relação à dificuldade dos vídeos, porque um vídeo com uma linguagem de alto padrão do que o conhecimento dos alunos acabaria por reduzir o efeito da utilização de vídeo, conseqüentemente, diminuir a compreensão da língua-alvo.

Gomes (2006), por sua vez, mostra como os vídeos podem trazer vários benefícios, entre os quais a questão motivadora: a grande variedade de programas legendados (noticiários, documentários, dramas, filmes, anime, programas esportivos, clipes musicais, etc.) são matérias mais familiares aos aprendizes do que os CDs de áudio, providos pelos livros didáticos, possibilitando discussão rica e o estudo da língua juntamente com a cultura dentro de um contexto. Além disso, de acordo com Spanos e Smith (2005, p. 54 *apud* DE SOUSA; 2009), o uso de filmes legendados pode ajudar a desenvolver a habilidade de leitura do aluno já que:

por meio da associação visual entre palavras e imagens, pelo desafio para ler com rapidez e identificar as palavras-chave, pela oportunidade para observar qualquer discrepância entre legenda e áudio e pela oportunidade para estudar a correspondência entre língua falada e escrita.

A associação entre estes três meios comunicativos (áudio, imagem e escrita), fornece um contexto, que, por sua vez, melhora a obtenção de conceitos e vocabulários novos, visto que os alunos evidenciam a língua-alvo sendo usada em uma situação mais autêntica, além de ser mais uma estratégia de aprendizado que eles podem usar.

Essa particularidade combina com a ideia do ensino de uma LE, bem como a sociedade e a cultura envolvida no país que usa esta língua.

Grigoletto (2003; *apud* GOMES, 2014), por sua vez, argumenta a artificialidade dos materiais didáticos convencionais. Por exemplo, caso de inglês, uma língua usada em diversos

---

<sup>9</sup> No original: *reinforces understanding by reiteration*

países, subsequentemente, a cultura é tratada na forma reduzida, anulando a peculiaridade cultural de cada país em nome de, apenas, “inglês”, língua oficial dos diversos países.

Araújo (2008) apresenta o resultado da sua pesquisa, concluindo que alunos expostos a filmes legendados conseguiram responder a perguntas orais com mais facilidade e também de forma mais criativa. Juntamente, Gomes (2006) relata sobre os participantes do seu próprio experimento: “Constatou-se que eles falavam mais rápido e com menos pausas, expressavam-se com maior clareza e criatividade, além de apresentarem discurso mais denso (p. 100)”.

Em outra pesquisa, sobre o uso de filmes e programas de TV legendados em aulas de inglês, Gomes (2010) relata que existiram vários relatos positivos no uso de vídeos legendados para ajudar na compreensão da LE, e como elemento motivador, pois as atividades centradas nos vídeos ajudaram a modificar algumas estratégias de estudo dos alunos, aumentando, assim, sua autonomia. Contudo, também existem resultados negativos, principalmente no âmbito emocional de alguns alunos, já que eles não se sentiam confortáveis lendo as legendas ou simplesmente não gostaram dos vídeos utilizados e de outros que não gostaram da quebra de paradigmas de uma aula tradicional. Em resumo, para que vídeos com legenda sejam utilizados dentro da sala de aula com sucesso, é necessário se pensar em formas de reduzir esses impactos, levando em conta as expectativas dos alunos.

Por último, apresentando a hipótese de Ivarsson e Carroll (1998, p.66 *apud* GOMES 2010), que postula sobre as gerações mais novas, que por estarem mais acostumadas com as tecnologias mais recentes e com a velocidade em que a informação é transmitida, se sentem mais confortáveis para ler vídeos legendados, pois tem mais facilidade para acompanhar a mudança de texto e imagem. De acordo com eles, a velocidade das legendas em filmes está muito mais rápida do que a 30 anos atrás. Outro ponto importante destacado pelos autores é a disseminação das línguas estrangeiras por todo o mundo, isso fez com que as gerações mais novas tivessem mais contato com legendas, ficando mais confortáveis em ouvir o áudio original.

Identifica-se, também, uma ressalva do uso de vídeo na sala de aula. Por exemplo, Ribeiro (2002; *apud* DE SOUSA, 2009), indica que os estudos da última década mostram que as crianças passam em torno de 20 horas semanais vendo televisão, e esta excessiva exposição sempre foi alvo de preocupação. Consequentemente, ao utilizar vídeos com legendas em sala de aula, essa preocupação também ocorre por parte dos pais se preocuparem com seus filhos que estariam brincando ao invés de estudar. Díaz Cintas e Cruz (2008), sobre essa noção, sustentam também que: a razão por trás dessa preocupação é que a legenda deixaria o vídeo muito fácil, deixando o aluno preguiçoso, já que ele iria depender demais do texto e não em

compreender a mensagem em LE através da audição. No entanto, ao contrário dessa ideia, vários autores (e.g. Dollerup, 1974 e Vanderplank, 1988), argumentam em seus trabalhos que, em países como Dinamarca e Finlândia, a maioria da programação é legendada, e as pessoas adquiriram seu conhecimento em relação à língua inglesa (LI) a partir de filmes, séries e *sitcoms* legendados (p. 204)<sup>10</sup>.

Para exemplificar este fenômeno, os autores Díaz Cintas e Cruz (2008) mostraram o projeto “*BookBox*”, um projeto que vincula o texto escrito, o áudio, e as imagens para criar uma experiência de leitura divertida e educacional para as crianças, assim acelerando o desenvolvimento da sua capacidade de leitura.

## 2.7. O vídeo como material didático

Como os vídeos legendados estão sendo exibidos com o propósito de ensinar um conteúdo de LE, eles não devem ser vistos como, única e exclusivamente, uma forma de entretenimento ou de passar o tempo, mas também como uma forma de aprendizagem.

Mesmo que o uso de vídeo em sala de aula, como forma de ensino de LE ainda possa ser visto como algo negativo, já que os alunos estariam “perdendo tempo” em um mundo fictício, ao invés de ler e estudar. Gomes (2010) explica que, nos dias atuais, a ideia de que o uso de vídeos é um instrumento pedagógico efetivo e é mais aceita dentre as diversas áreas do conhecimento. Em relação ao ensino de LE, diversos autores como visto na seção anterior, incentivam o uso de vídeos para melhorar as habilidades dos alunos de LE. Gomes (2010) ainda comenta que, o uso de vídeos legendados está de acordo com a atual concepção de leitura ao escrever: “a decodificação sons, cores, imagens estáticas, figuras em movimento, dentre outros elementos, é uma habilidade tão necessária ao leitor atual quanto o reconhecimento de letras, palavras e frases”.

Haydt (2006) apresenta uma série de orientações para que o vídeo possa ser utilizado de forma adequada em sala de aula:

a) escolha o vídeo de antemão, ele deve ser integrado ao conteúdo que está sendo ensinado;

---

<sup>10</sup> No original: *The reason behind this is that subtitles create a type of text dependency that makes learners lazy because they rely too much on the written text and do not pay enough attention to the message in the foreign language presented to them through the auditory channel. Students relax too much and after a short period of listening tend to lose their concentration on the original soundtrack. Contrary to this view, authors such as Dollerup (1974) and Vanderplank (1988) have mentioned in their works that many people in countries like Denmark and Finland, where most foreign programmes are subtitled, are reported to have acquired a lot of their knowledge in English by watching American films, series and sitcoms subtitled into their mother tongue on television.*

b) defina objetivos com a exibição desse vídeo, quais são os conceitos e conteúdos a serem trabalhados pelos alunos;

c) o uso de vídeo deve ser uma situação de aprendizagem e não meramente de lazer;

d) crie tarefas relacionadas a exibição do vídeo. Elas devem ser desafiadoras e em grupos, para que assim os alunos escolham as informações mais importantes e depois discutam com seus colegas, para tentar achar as soluções para os exercícios propostos;

e) verifique se o equipamento está funcionando e se você sabe usá-lo com antecedência, evitando, assim, imprevistos e contratemplos e

f) verifique a posição da tela em relação aos alunos, para que todos tenha uma boa visão do vídeo.

Gomes (2014) salienta a importância do material didático como força motivadora dos alunos, em um ensino comunicativo, para lidarem com a realidade da língua, se utilizando das definições de Canale e Swain (1980):

(...) materiais comunicativos devem estimular os alunos a desenvolver não somente a competência linguística (uso de estruturas gramaticais e regras de pronúncia para a acuidade na expressão e compreensão), mas também a competência sociolinguística (o papel social dos falantes, do contexto e da escolha do registro e estilo), a competência discursiva (a coesão e a coerência do discurso em relação ao contexto) e a competência estratégica (uso de estratégias verbais e não verbais para se compensar as quebras de comunicação) (p. 326).

Gomes (2014) continua, discorrendo sobre o uso de vídeo legendado fora da sala de aula, que têm mostrado resultados positivos na aquisição de LE. Apesar de serem encenações ou animações, os diálogos contidos nos vídeos possuem características linguísticas mais autênticas com o público alvo sendo os falantes nativos da língua. A língua do diálogo é, posteriormente, traduzidos e legendados para falantes de outras línguas. Entende-se, assim, que esses vídeos contém uma linguagem mais próxima da dos falantes nativos da mesma e muito menos controlada do que é utilizada nos materiais didáticos. Isso, segundo Gomes (2014), incentiva os alunos a criarem novas estratégias de comunicação em LE, além de aprenderem mais e reconhecerem a Língua como “um sistema dinâmico, rico em significados e possibilidades de combinação”.

Muitos materiais didáticos convencionais acabam por não dar a devida atenção a essas competências (citadas acima por Canale e Swain), enquanto que, os usos de vídeos aliados à criatividade e disposição do professor podem ajudar o desenvolvimento dos alunos nesses quesitos. Desta maneira, o uso de vídeos no ensino de LE aumentaria o leque de linguagem ao quais os alunos têm acesso. A grande diversidade na produção e disponibilidade de vídeos

(internet, em DVD, canais de TV por assinatura, ou mesmo em comerciais da TV aberta) é outra vantagem importante dessa mídia. Porém, mesmo que os vídeos possam trazer temas reais para dentro da sala de aula, é necessário que haja um planejamento preciso por parte do professor, em relação ao vídeo escolhido e as atividades subsequentes à exibição do mesmo.

Bailey e Dugard (2007, *apud* DE SOUSA; 2009), nos alerta que, a tecnologia digital, que utilizamos atualmente, permite à captura, a manipulação e o armazenamento de imagens audiovisuais em formato digital, o que melhorou em muito as suas qualidades técnicas. Para isso, a utilização de vídeos, se juntou à linguagem digital e às mais recentes tecnologias da informação e comunicação (TIC). De Sousa (2009), em sua tese de mestrado, diz que: A tecnologia digital contribui também para potencializar o uso educativo de material audiovisual autêntico apresentado, tornando possível a sua adaptação às necessidades dos educandos (através, por exemplo, de técnicas como o uso de legendas), alargando, assim, o acesso e o envolvimento de alunos menos proficientes ao processo de ensino-aprendizagem.

## **2.8. O papel do professor**

Um dos elementos mais importante ao se usar um vídeo legendado para ensinar um LE, provavelmente, é o professor, pois ele que irá selecionar vídeos e ministrar o conteúdo a partir do selecionado, além de poder ajudar os alunos no contato com LE fora de sala de aula, mediante o uso de tecnologias modernas. Tavares (2004, *apud* Gomes 2010) explica que para esse tipo de prática seja adotada, tanto professor, quanto alunos devem estar receptivos e confortáveis com a mesma, para assim o alunos se concentrar na atividade proposta.

Gumesson (2010) partilha dessas ideias sobre a utilização de vídeo em sala de aula em seu TCC, mostrando que ela deve ser feita de forma consciente. É necessário um planejamento das atividades para o desenvolvimento das habilidades linguísticas. As utilizações de recursos audiovisuais têm um grande potencial de ensino de LE, desde que seja feito de maneira apropriada. A autora diz que: “a seleção de determinado gênero de vídeo, aliada a uma proposta de atividade adequada em sala de aula, pode ajudar os alunos a desenvolver as quatro habilidades essenciais da língua (audição, leitura, escrita, conversação)”. Stempleski (2002) demonstra o procedimento do uso que o professor escolhe o vídeo, o relaciona com a necessidade dos alunos, cria uma maneira para assistir o mesmo de forma ativa e o correlaciona ao ensino de LE. Entretanto, para isso o professor precisa estar ciente de algumas regras como Haydt (2006) levanta:



- Adequação aos objetivos, ao conteúdo e à clientela. [...] Deve ser adequado também ao grau de desenvolvimento dos alunos (a seu nível de maturidade cognitiva), a seus interesses e necessidades.
- Funcionalidade – o material audiovisual deve ser funcional, isto é, deve possibilitar uma utilização dinâmica, ativando o pensamento reflexivo do aluno.
- Simplicidade – os meios audiovisuais devem, de preferência, ser de baixo custo e fácil manejo, permitindo a manipulação tanto pelo professor como pelo aluno.
- Qualidade e exatidão – os recursos audiovisuais devem transmitir com exatidão a mensagem que se deseja comunicar. [...] Por outro lado, devem ser atraentes, despertando o interesse dos alunos e incentivando sua participação na aula (p. 193-195).

Além disso, o autor evidencia os tipos de atividades que devem ser desenvolvidas para maximizar o uso de vídeos, a saber:

- a) crie questões desafiadoras sobre as informações exibidas, que forcem os alunos a analisar o vídeo mais detalhadamente;
- b) realize exposições coletivas, gerando debate entre os alunos para chegar a uma conclusão;
- c) realize exposições acompanhadas por um estudo dirigido, fazendo os alunos “observar, descrever, representar, comparar, identificar, classificar, ordenar, seriar, localizar no tempo e no espaço, analisar, sintetizar, conceituar, interpretar, julgar”;
- d) após a exposição, promova discussões em grupos ou apresentações para analisar o material.
- e) proponha pesquisa para os alunos conseguirem informações adicionais sobre o conteúdo.

Moderno (*apud* Silva, 2001) explica como uma metodologia adequada, com base em critérios devidamente reconhecidos por peritos, deve ser utilizada para que todos os vídeos utilizados em sala de aula desperte nos alunos uma atitude de questionamento e reflexivo acerca do que foi exibido, ou seja, mantenham um equilíbrio entre a motivação e o interesse, ao invés de uma postura passiva transformando o vídeo em um momento de lazer. Como evidenciado De Sousa (2009):

“Deste modo, um documento vídeo deve estabelecer um equilíbrio entre a Motivação e a informação que veicula, reforçando elementos-chave da temática abordada. A linguagem deve ser acessível e a duração do visionamento do mesmo deve ser suficiente para que os alunos sejam capazes de lhe dar uma resposta construtiva (p. 17)”.

Adotando estes critérios, o professor será capaz de obter uma ferramenta que une o som à imagem de forma adequada, a qual ajuda a prender a atenção dos alunos a matéria, criando uma variedade de benefícios.

Todavia, conforme evidencia Gomes (2014), muitos professores não utilizam desses critérios ou qualquer tipo propósitos pedagógicos na exibição de vídeos em sala de aula. Ao invés disso, é, infelizmente, muito comum a exibição de filmes até duas horas de duração sem qualquer atividade subsequente para o desenvolvimento do aluno.

Esses fatos negativos contribuem com a visão negativa do uso de vídeo como perda de tempo por parte dos alunos, de professores, das autoridades escolares e pais. De fato, Gomes (2014) apresenta outras ressalvas como: “vídeos e filmes só servem para quebrar a monotonia da sala de aula, para o lazer ou como pretexto para “enrolar” aula (p. 327)”. Para sanar essa preocupação, é necessário que os professores defendam que o uso deste recurso dentro da sala de aula não passa apenas de uma exibição, mas para otimizar a aprendizagem de um conteúdo lexical, sintático, e semântico, levando em conta o nível dos alunos e à proposta definida previamente para a aula.

Outro problema apontado por Gomes (2014) é a quantidade de tempo da exibição. Uma atividade utilizando vídeo exige um tempo, que muitas vezes é inexistente na grade horária apertada da maioria das instituições de ensino, principalmente, nas escolas de idiomas. Segundo o autor, estas escolas possuem seus próprios métodos rigidamente controlados e que preferem professores capazes somente de seguir as instruções dadas pelo livro didático, em detrimento de “professores reflexivos”.

Dessa forma, os professores precisam de autonomia, criatividade e planejamento no que diz respeito às atividades adequadas para seus alunos. Professores, sobretudo, são aqueles que têm o maior contato com seus alunos, tendo um maior conhecimento sobre suas necessidades, anseios e expectativas em relação à aprendizagem da LE.

### **3. Metodologia**

Neste espaço serão discutidos os aspectos metodológicos da pesquisa, entre eles: a seleção do vídeo que foi exibido, os resultados obtidos, os participantes do experimento, e a coleta de dados (questionário localizado no apêndice).

#### **3.1. Experimento**

Foi formulado um experimento para testar a capacidade de compreensão auditiva dos alunos. Este experimento consistiu em várias exibições de um anime curto (4 minutos e 44 segundos) para duas turmas (especificadas no tópico 3.2.), assim, analisando qual seria o impacto da legenda na compreensão dos alunos. Porém, antes de começar o experimento, foi

necessário escolher qual anime seria exibido. Programas populares foram descartados rapidamente, pois a chance dos alunos já terem vistos os mesmos era muito alta, e isso iria prejudicar os resultados, então foi decidido utilizar vídeos retirados do *Youtube* com títulos em japonês, já que isso poderia dificultar o acesso dos alunos do nível básico que ainda não tem muito conhecimento da Língua. Por fim, foram selecionados dois vídeos: “*Fukagawa Matoi Botan*”<sup>11</sup> e “*Busou Chuugakusei episódio 2*”<sup>12</sup>, mas no final, nós decidimos que o primeiro vídeo deveria ser utilizado no experimento, por causa de seu conteúdo cultural (fabricação de fogos de artifício no Japão), e por ter um vocabulário relativamente simples para os alunos das turmas selecionadas.

Outro fator importante foi na elaboração de um questionário, que levasse em conta o conteúdo do vídeo, e compreensão dos alunos, além de perguntar sobre o impacto da legenda. Para isto, ele foi dividido em duas partes: 1) Questões de número 1 até 10, abertas, onde eram perguntados sobre pontos importantes da história apresentada no vídeo, os alunos deveriam responder o que haviam compreendido da maneira mais detalhada possível. 2) Questões de número 11 até 20, múltipla escolha, onde era perguntado o impacto da legenda na compreensão do vídeo, e se os alunos consideravam como uma metodologia válida.

O experimento foi dividido em quatro fases:

- **1ª Fase:** Teve com intuito, testar a viabilidade do experimento e quanto tempo seria necessário, ou seja, um “**Teste piloto**”, por isso os resultados da compreensão dos alunos não foram incorporados a pesquisa. Ela foi realizada com alunos do nível avançado da Escola Modelo de Língua Japonesa de Brasília, esse turma foi escolhida por causa da nossa amizade com a mesma, e por ter um conhecimento elevado da língua japonesa, o que fez com que eles escrevessem mais sobre o vídeo, gerando assim um tempo máximo para a pesquisa.
- **2ª Fase:** Explicou-se o motivo do experimento aos informantes e o procedimento que seria conduzido. Além disso, ocorreu à primeira exibição do vídeo “*Fukagawa Matoi Botan*” selecionado anteriormente sem legenda, para analisar o quanto os alunos conseguiriam entender sem o auxílio da Língua Portuguesa. Após a exibição, foi entregue aos alunos uma folha em branco para que eles escrevessem o que haviam entendido do vídeo, da forma mais detalhada possível. Nós analisamos esta resposta posteriormente para entender o nível inicial dos alunos.

---

<sup>11</sup> Em japonês: 深川まとい 牡丹

<sup>12</sup> Em japonês: 武装中学生#2



Figura 4 - Cena sem legenda (nessa cena a personagem fala “Uwaa, biri biri suru”)<sup>13</sup>

- **3ª Fase:** Segunda exibição do mesmo vídeo utilizado anteriormente (**2ª Fase**), porém, dessa vez com legendas em português feita pelo *Google Translator*. O intuito desta fase foi de analisar se as legendas incorretas ajudariam de alguma forma ou atrapalham a compreensão dos alunos. Novamente, no final da exibição, os alunos receberam uma folha em branco para escrever o que haviam entendido de diferente em relação à 2ª fase.



Figura 5 - Cena com legenda feita pelo Google Translate

- **4ª Fase:** Terceira e última exibição do vídeo, mas desta vez com legenda em português refinada, feita por nós mesmo, com auxílio da nossa orientadora. O intuito dessa fase foi o mesmo da anterior, se a legenda iria ajudar ou prejudicar o entendimento dos alunos. Porém, dessa vez os alunos receberam um questionário com vinte perguntas para responder, estas perguntas foram divididas entre compreensão do vídeo e a importância da legenda dentro de sala de aula. Por fim, foi feita uma breve explicação

<sup>13</sup> Em japonês: うわあ、ビリビリする。

da importância do uso de vídeos legendados dentro de sala de aula como material de ensino.



Figura 6 - Cena com a legenda refinada

### 3.2. Número de participantes

Turma 1 (alunos do terceiro semestre de graduação da UnB, com um ano de estudo da língua japonesa)

Exibição do Vídeo	Número de alunos	Data de Exibição
Sem Legenda	16	17/04/2019
Legenda ( <i>Google Translate</i> )	12	22/04/2019
Legenda refinada	10	24/04/2019

Tabela 6 – Número de alunos participantes durante as três exibições (Turma 1)

Turma 2 (alunos do quarto semestre de graduação da UnB, com um ano e meio de estudo da língua japonesa)

Exibição do Vídeo	Número de alunos	Data da exibição
Sem Legenda	12	22/04/2019
Legenda ( <i>Google Translate</i> )	7	24/04/2019
Legenda refinada	3	29/04/2019

Tabela 7 – Número de alunos participantes durante as três exibições (Turma 2)

Em resumo, usamos no experimento, descrição da interpretação do vídeo (2 vezes) e um questionário fechado sobre as experiências percorridas deste experimento.

## 4. Resultados

Após compilar os dados dos treze alunos restantes (somando as turmas 1 e 2), com idades de 18 até 32 anos, foi possível retirar algumas conclusões interessantes, mas primeiro é necessário que façamos uma ressalva sobre o número final de alunos participantes. Como pode ser visto nas Tabelas 1 e 2 acima, o número de participantes na primeira exibição foi de 28 alunos. Nas seguintes fases, este número começou a diminuir, já que os alunos faltavam às aulas. Consequentemente, suas respostas foram retiradas da pesquisa, pois ela envolvia a comparação da compreensão auditiva em todas as exibições. Logo, tivemos apenas 13 participantes que concluíram todo o experimento.

Primeiramente iremos mostrar os resultados gerais da pesquisa, comparando as respostas do questionário aplicado na 4ª fase e do crescimento em relação a compreensão auditiva dos alunos de modo geral. Depois entrarei em mais detalhes nas respostas de algumas questões específicas.

### 4.1. Resultados gerais

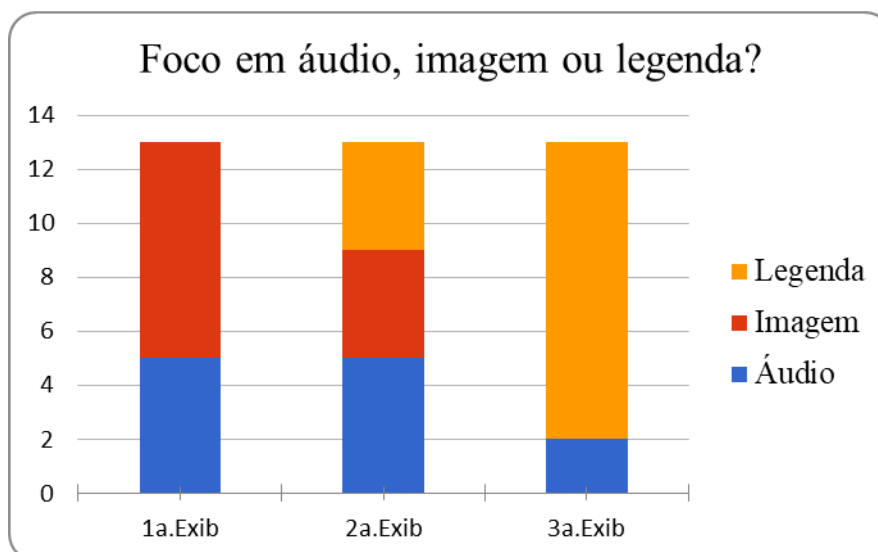
Todos os resultados a seguir foram feitos a partir da comparação das respostas dos participantes das três exibições, e da análise das respostas do questionário.

- As legendas realmente ajudaram na compreensão do vídeo, os alunos acabaram sendo divididos em dois grupos no experimento: um foram os alunos que, responderam não compreender nada durante a primeira exibição, durante a segunda exibição, utilizaram a legenda do Google *Translate*, mesmo que errônea, para identificar algumas palavras simples, e a trama geral da história, e durante a terceira exibição utilizaram a legenda refinada para compreender o vídeo por completo. O outro grupo foram os alunos que compreenderam o vídeo desde a primeira exibição, alguns alunos perceberam os erros da legenda na segunda exibição, e durante a terceira exibição, eles a utilizaram a legenda refinada para confirmar sua compreensão anterior.
- O resultado anterior ocorre, provavelmente, por causa da quantidade de tempo que alguns alunos têm com a LJ sem o auxílio da LM, como evidenciado pela questão 16 (Por quanto tempo, diariamente, você tem contato com a Língua Japonesa, de forma oral ou auditiva, sem o auxílio da Língua Materna?), os alunos que passam muito tempo utilizando o japonês fora da sala de aula, e durante o seu cotidiano, conseguiram explicar o conteúdo do vídeo desde a primeira exibição sem grandes problemas, diferentemente dos alunos que só tem contato com o japonês dentro da sala

de aula, ou muito reduzido fora da sala de aula, que tiveram dificuldades de compreender o conteúdo do vídeo, e só conseguiram explicar em mais detalhes nas exibições com legendas.

- Em relação à aprendizagem de língua japonesa, detalhado nos objetivos específicos, não foi possível confirmar ou negar se o uso de vídeos legendados ajudou os alunos, por causa do curto período de tempo que esta pesquisa ocorreu, e por não ser possível fazer um acompanhamento posterior dos alunos.
- Fazendo uma comparação entre as respostas das duas turmas. O ponto que mais nos surpreendeu foi o fato de que os alunos da turma 1 tiveram uma compreensão melhor do que os alunos da turma 2, mesmo eles tendo mais tempo de estudo. Esta questão pode ser resultado de dois detalhes: a legenda pode ter sido mais útil do que o tempo de estudo nesse caso, ou a amostragem não foi o suficiente para revelarem um resultado mais preciso.
- Mesmo com o auxílio da legenda, muitos alunos tiveram dificuldade de entender uma cena, em que ocorre uma discussão entre duas personagens, provavelmente pelo fato da imagem não corresponder à fala (ambas as personagens estavam paradas) e o que desenvolve a história depende apenas da conversação dessas.
- Na questão de número 18, cuja pergunta é: No seu nível atual em relação à Língua Japonesa, você se sente capaz de traduzir/legendar esse vídeo, ou outro semelhante?, a maioria dos alunos não se sentiu confiante para traduzir/legendar o vídeo, isso talvez seja o efeito destas práticas não serem contempladas no currículo da universidade em favorcimento do estudo da gramática.
- Diferentemente do que era esperado por mim, a maioria dos alunos respondeu que prefere aprender esse tipo de conteúdo nos níveis intermediário ou avançado, porém eles não se importam com esse tipo de exercício no nível básico.
- Outro ponto interessante foi à quantidade de tempo que os alunos têm contato com a LJ sem o auxílio da LM, questão 16: Por quanto tempo, diariamente, você tem contato com a Língua Japonesa, de forma oral ou auditiva, sem o auxílio da Língua Materna?, para os alunos que passam muito tempo utilizando o japonês fora da sala de aula, e durante o seu cotidiano, o japonês utilizado no vídeo não trouxe grandes problemas, diferentemente dos alunos que só tem contato com o japonês dentro da sala de aula.

## 4.2. Resultados específicos



**Tabela 8 - Respostas das questões 11, 12 e 13**

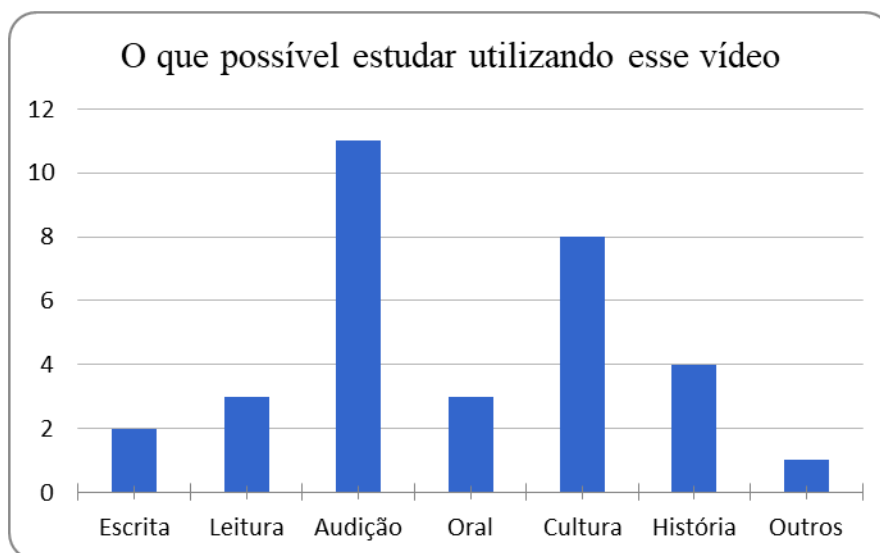
Como é mostrado na tabela acima, que mostra os resultados das questões 11, 12 e 13 (Na primeira exibição do vídeo, em que você se focou mais; Na segunda exibição do vídeo, em que você se focou mais; Na terceira exibição do vídeo, em que você se focou mais, respectivamente), o foco dos alunos foi algo de extrema importância para a sua compreensão em relação ao vídeo. Na primeira exibição, como os alunos não tinham o amparo da língua portuguesa, eles tiveram de recorrer ao uso das imagens e/ou falas para compreenderem o vídeo, e como é mostrado na coluna da esquerda da tabela 3, a divisão foi de quase cinquenta por cento.

Já na segunda exibição (legenda do *Google Translate*), os alunos que não tinham compreendido nada anteriormente, usaram a legenda, cuja tradução foi feita pelo *Google Translate*. Mesmo com falhas na tradução automática, ela os ajudou para ter um “norte” e compreenderem alguns detalhes e palavras do vídeo. Porém, os alunos que já haviam entendido boa parte do vídeo na primeira exibição, apontaram que se sentiram atrapalhados pela legenda e voltaram a se focar no áudio e/ou falas. Uma ressalva foi à percepção de alguns alunos em relação à legenda, pois notaram que ela era falha rapidamente, o que nos forçou a explicar sobre isso após a exibição, algo que iríamos fazer somente no final do experimento.

Na terceira e última exibição, a maioria dos alunos focalizou na legenda para confirmar o que haviam compreendido anteriormente e para compreender o que não haviam



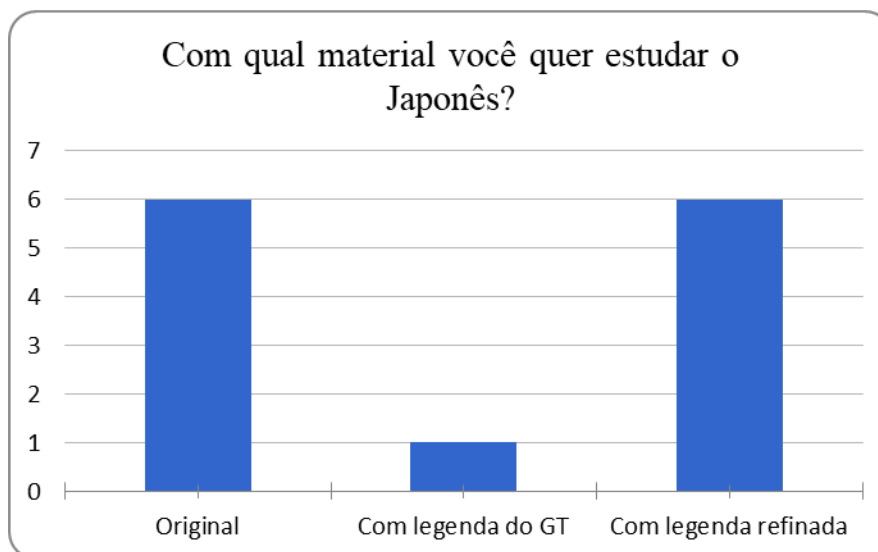
entendido nas outras exibições. Isto já era esperado, pois, como eles têm a língua portuguesa como língua materna, se focar em algo com que esteja mais familiarizado é algo mais fácil.



**Tabela 9 - Respostas da questão 14**

Na questão 14 (Você acha que esse tipo de exercício (tradução/legendagem) pode ajudar em qual área de ensino da Língua Japonesa?) do questionário, investigamos habilidades relevantes no uso de LE, dando alguns exemplos tais como escrita, leitura, audição, oralidade, cultura, história e outros. A Tabela 4 apresenta os resultados.

Conforme esperado, a audição foi um voto quase que unânime (11 de 13) para a área do ensino de LE que o uso de vídeos pode ajudar. A segunda área mais escolhida foi à cultura, porém isso talvez seja pela temática do vídeo utilizado. Mas o mais importante que essa tabela revela, é que o uso de vídeos no ensino pode cobrir as quatro habilidades linguísticas e aspectos extralinguísticos em uma única aula dependem do enfoque, da criatividade, e de como o professor utiliza esse vídeo.



**Tabela 10 - Respostas da questão 15**

Nesta tabela, que mostra o resultado da questão 15 (Com qual das três versões do vídeo vocês gostariam de estudar Língua Japonesa? Por quê?), que mostra qual exibição que os alunos preferem utilizar para estudar, podemos ver que o resultado foi dividido em dois polos, sendo eles o vídeo sem legenda (original) ou o vídeo com legenda refinada,, tendo apenas um aluno que escolheu a legenda feita pelo *Google Translate*, defendendo que, mesmo errada, ela ajudou para na compreensão de alguns termos.

Quando perguntados o porquê de suas escolhas, os alunos que preferiram o vídeo original tiveram como argumento, o fato de que eles ficam mais preocupados em ler o que está escrito do que em entender o que está sendo dito. Já os alunos que preferiram o vídeo com legenda refinada tiveram o argumento contrário, a escrita em português auxiliava na compreensão das falas em japonês. Ao verificar os dados, é importante ressaltar que os alunos que escolheram a primeira exibição têm mais contato com a LJ sem o auxílio da LM do que os outros.

## 5. Conclusão

Pelo ponto de vista teórico a utilização de vídeos legendados em sala de aula é uma opção viável, desde que o professor tenha o preparo e o suporte necessário para a utilização dos mesmos. Os resultados da nossa pesquisa também concordam com isso, já que os alunos tiveram um aumento da compreensão auditiva depois de ver o vídeo com a legenda, a partir das respostas dadas após cada exibição do vídeo, nas quais alunos que responderam não entender nada, já conseguiam explicar todo o conteúdo do vídeo na última exibição.

Para responder nossa pergunta da pesquisa: “como o uso de vídeos com legendas em sala de aula pode beneficiar os alunos de Língua Japonesa (LJ), em especial os alunos do nível básico?” nossa resposta é que isso parece ser possível, mas complicado, inclusive, ao perguntar para os participantes do teste em qual nível do curso gostaria de aprender esse tipo de conteúdo, a maioria respondeu que preferia que fosse ensinado nos níveis intermediário ou avançado (isso pode ter ocorrido, por causa do vídeo utilizado e pela própria experiência pessoal dos participantes com a língua japonesa), seria necessária uma grande preparação por parte do professor e uma seleção cuidadosa dos vídeos, já que os alunos ainda não teriam um vocabulário grande o suficiente.

O uso de vídeos durante as aulas é muito importante, se feito da maneira correta, já que traz um contexto mais palpável para as estruturas linguísticas e pragmáticas que são ensinadas a partir do início. Nos vídeos, temos uma variada gama de personagens, com personalidades diferentes, e peculiaridades linguísticas, fazendo com que eles sejam mais parecidos com pessoas reais, algo extremamente deficiente no ensino de língua japonesa atualmente.

### Referências bibliográficas

ARAÚJO, V. L. S. **O processo de legendagem no Brasil**. *Revista do GELNE*, v. 4, n. 1, p. 1-6, 26 fev. 2016. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9143>>. Acesso 10 Junho 2019

BARTOLOMÉ, A. I. H.; CABRERA, G. M. **New Trends in Audiovisual Translation: The Latest Challenging Modes**. *A Journal of English and American Studies*, 31, 2005. p. 89-104. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2010052>>. Acesso 12 abril 2019.

CANALE, M; SWAIN, M. **Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing**. *Applied Linguistics* 1 (1), p.1-47, 1980. Disponível em <[https://www.researchgate.net/profile/Merrill\\_Swain/publication/31260438\\_Theoretical\\_Bases\\_of\\_Communicative\\_Approaches\\_to\\_Second\\_Language\\_Teaching\\_and\\_Testing/links/0c960516b1dadad753000000.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Merrill_Swain/publication/31260438_Theoretical_Bases_of_Communicative_Approaches_to_Second_Language_Teaching_and_Testing/links/0c960516b1dadad753000000.pdf)>. Acesso 15 Junho 2019.

CHAPMAN, R. **The Role of Subtitles in Language Teaching**. Disponível em <[annali.unife.it/lettere/article/download/1479/1268](http://annali.unife.it/lettere/article/download/1479/1268)>. Acesso 12 Abril 2019.

DE SOUSA, D. R. F. **O Vídeo na Aula de Língua Estrangeira: Motivar Para a Troca de Experiências Comunicacionais**. P. 14-40, 2009. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/20318/2/mestdianasousavideo000085006.pdf>>. Acesso em 09 Junho 2019

DIAZ CINTAS, J. **Subtitling**. Routledge: London, 2012. Disponível em <<https://www.routledgehandbooks.com/doi/10.4324/9780203102893.ch20>>. Acesso 26 Abril 2019.

DÍAZ CINTAS, J.; CRUZ, F. M. **Using subtitled video materials for foreign language instruction**, in J. Díaz Cintas (ed.), *The didactics of audiovisual translation*, Amsterdam, p. 201-14, 2008. Disponível em <<https://epdf.pub/the-didactics-of-audiovisual-translation-benjamins-translation-library.html>>. Acesso em 15 Junho 2019.

FERREIRA, R. D. M. **A tradução literária numa perspectiva metodológica:** problemas de tradução em *Le Livre des fuites*, de J.M.G. Le Clézio. Disponível em <[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15290/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20mes%20trado\\_prjecto\\_Rui%20Ferreira.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15290/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20mes%20trado_prjecto_Rui%20Ferreira.pdf)>. Acesso em 14 Junho 2019.

GOMES, F. W. B. **O Audiovisual na Sala de Aula:** Considerações Sobre o Uso Comunicativo de Filmes e Vídeos no Ensino de Línguas Estrangeiras. *Revista FSA*, Teresina, v. 11, n. 1, art. 17, p. 317-329, jan./mar. 2014. Disponível em <[www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/download/355/153](http://www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/download/355/153)> Acesso 09 junho 2019

\_\_\_\_\_. **O Uso de Filmes Legendados como Ferramenta para o Desenvolvimento da Proficiência Oral de Aprendizes de Língua Inglesa.** 2006. Disponível em <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/franciscowellingtonborgesgomes.pdf>>. Acesso 11 Abril 2019

\_\_\_\_\_. **Os Textos na tela da TV:** O Papel da Associação entre Sons, Imagens e Legendas no Ensino de Línguas. *Revista Caminhos em Linguística Aplicada*, UNITAU. Volume 2, Número 1, 2010. Disponível em <[periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/download/1039/822](http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/download/1039/822)>. Acesso 16 Junho 2019.

GUMESSON, D. W. B. **A utilização de vídeos em aulas de Inglês para o Ensino Médio.** *Revista Polyphonia*, v. 21/2, jul./dez. 2010. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/18978>>. Acesso 09 Junho 2019.

HAYDT, R. C. **Curso de didática geral.** 8. ed. São Paulo: Ática, p. 193-195 2006. Disponível em <<http://197.249.65.74:8080/biblioteca/bitstream/123456789/865/1/Curso%20de%20Didatica%20Geral%20-%20Regina%20Celia%20C.%20Haydt.pdf>>. Acesso em 15 Junho 2019.

HUTCHEON, L. **A Theory of Adaptation.** *Routledge, New York*, 2006.

KRASHEN, S. D. **The Input Hypothesis**. London: Longman. 1985. Disponível em <<https://www.uio.no/studier/emner/hf/iln/LING4140/h08/The%20Input%20Hypothesis.pdf>>. Acesso 14 Junho 2019.

KOGLIN, A.; OLIVEIRA, S. M. **Variações terminológicas no campo Tradução Audiovisual: análise dos termos legendação, legendagem e tradução de/para legendas**. *TradTerm*, v. 22, São Paulo, 2013. p. 259-279. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/69131>>. Acesso em: 26 Abril 2019.

MARTINS, H. **A Crítica da Tradução Literária**. V. 1, n. 4. 1999. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5524/4983>>. Acesso 14 Junho 2019.

MATIELO, R.; D'ELY, R. C. S. F.; BARETTA, L. **The Effects of Interlingual and Intralingual Subtitles on Second Language Learning-Acquisition: A State-Of-The-Art Review**. *Trabalho sobre linguística aplicada*. vol. 54, no. 1, Campinas Jan./June 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132015000100161&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132015000100161&lng=en&tlng=en)>. Acesso em 11 Abril 2019

MORALES, L. M. Breve história do ensino de língua japonesa no Brasil, 9 Junho 2009. Disponível em: <<http://www.discovernikkei.org/en/journal/2009/6/9/lingua-japonesa-no-brasil/>>. Acesso 10 Julho 2019.

NOBRE, N. M. **A Legendagem no Brasil: Interferências Linguísticas e Culturais nas Escolhas Tradutórias e o Uso de Legendas em Aulas de Língua Estrangeira**. *Letras Escreve – revista de estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras – UNIFAP*. Vol. 2, nº 1, 2012. Disponível em <[https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/489/pdf\\_54](https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/489/pdf_54)>. Acesso 11 Abril 2019.

POLCHLOPEK, S.; AIO, M. de A. **Tradução Técnica: Armadilhas e Desafios**. *Revista Brasileira de Tradutores*, nº 19, p. 103-104, 2009. Disponível em <<http://revista.pgsskroton.com.br/index.php/traducom/article/view/2020>>. Acesso 11 Junho 2019.

SILVA, B. D da. **Questionar os Pressupostos da Utilização do Audiovisual no Ensino: Audiovisual/Rendimento da Aprendizagem/Democratização do Ensino.** *Comunicação apresentada no Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, Braga.* 2001. Disponível em <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/530/1/BentoSilva.pdf>>. Acesso 15 Junho 2019.

SEKINO, K.; TAKAHASHI, S. V. R. **Legendagem: Uma Atividade na Aula de Japonês.** Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 60-81, jan./abr. 2018. Disponível em <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres>>. Acesso 11 Abril 2019

SOUSA, B. B. A. A. L e. **O Uso de Filmes Legendados no Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira:** Aquisição Vocabular em Língua Inglesa. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 79-107, 2018. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398201711772>>. Acesso 11 Abril 2019

STEMPLESKI, S. **Video in the ELT Classroom:** the role of the teacher. In: RENANDYA, W. A.; RICHARDS, J. C. (Orgs.) *Methodology in language teaching: an anthology of current practice.* Cambridge, USA, 2002. p. 364-367. Disponível em <[https://viancep2012.files.wordpress.com/2011/12/methodology\\_in\\_language\\_teaching\\_2002\\_scanned.pdf](https://viancep2012.files.wordpress.com/2011/12/methodology_in_language_teaching_2002_scanned.pdf)>. Acesso em 15 Junho 2019.

## **Apêndice**

### Questionário:

Universidade de Brasília – UnB

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET

### **Objetivo da pesquisa:**

A seguinte pesquisa tem como objetivo medir a compreensão auditiva do alunos do curso de graduação de Letras - Japonês da Universidade de Brasília, do nível básico (japonês 3 e 4). Além disso, será analisada a relação entre a compreensão auditiva, as imagens, a cultura e a legenda.

Nome: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_

1. Quem é a personagem principal, e qual é seu nome?

\_\_\_\_\_

2. Qual a relação entre a menina e o senhor de idade?

\_\_\_\_\_

3. Porque a menina decide fazer fogos de artifícios?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4. Qual a relação entre jovem e do senhor de idade?

\_\_\_\_\_

5. Qual a relação entre o jovem e a menina?

\_\_\_\_\_

6. Sobre o que é a discussão entre o jovem e o senhor de idade?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



7. O que acontece com o senhor de idade?

---

---

---

8. Qual o desfecho da história?

---

---

---

9. Existiu alguma palavra, ou frase, que dificultou sua compreensão do vídeo. Caso afirmativo, qual, e por quê?

---

---

---

---

10. Existem expressões tradicionais utilizadas durante o vídeo: quais são elas, e quando são utilizadas?

---

---

---

---

11. Na primeira exibição do vídeo, em que você se focou mais:

Áudio Imagem

12. Na segunda exibição do vídeo, em que você se focou mais:

Áudio Imagem Legenda

13. Na terceira exibição do vídeo, em que você se focou mais:

Áudio Imagem Legenda

14. Você acha que esse tipo de exercício (tradução/legendagem) pode ajudar em qual área de ensino da Língua Japonesa? **(pode escolher mais de uma opção)**

Escrita Leitura Audição Oralidade Cultura História

Outros \_\_\_\_\_

15. Com qual das três versões do vídeo vocês gostaria de estudar Língua Japonesa? Por quê?

1ª versão (sem legenda)     2ª versão (legenda do *Google Translate*)

3ª versão (legenda feita por mim)

---

---

16. Por quanto tempo, diariamente, você tem contato com a Língua Japonesa, de forma oral ou auditiva, sem o auxílio da Língua Materna?

30 minutos     1 hora     2 horas     3 horas     4 horas

Outro \_\_\_\_\_

17. Você teve interesse em procurar o vídeo para tentar entender mais sobre a história?

Sim     Não

18. No seu nível atual em relação à Língua Japonesa, você se sente capaz de traduzir/legendar esse vídeo, ou outro semelhante?

Sim     Não

19. Vocês gostariam/acham que esse tipo de disciplina (tradução/legendagem) poderia ser introduzido a partir de que nível:

Básico     Intermediário     Avançado     Não deve ser ensinado

20. Você concorda que a legenda ajuda na compreensão?

Concordo     Concordo parcialmente     Discordo parcialmente     Discordo